

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
TEORIAS E MÉTODOS ARQUEOLÓGICOS EM SÍTIOS
HISTÓRICOS

Janio Gustavo Barbosa (janioguga@yahoo.com.br)

No segundo quartel do século XX, com o advento da Escola dos Annales, que se contrapunha a toda as "leis" formuladas pela Escola Metódica para a Ciência Histórica, um novo modelo de pesquisa histórica é almejado, onde, as teorias factuais e o caráter empírico (causa- consequência) da História são postos de lado e começa-se a pensá-la, como uma grande vertente das Ciências Humanas, na qual se poderia pensar em resultados que não obedecessem a uma relação mecânica, nem muito menos, determinista.

A partir de então, percebe-se que suas proposições precisavam de uma nova reformulação, haja vista que, sua metodologia, frente a esta nova concepção, se encontrara ultrapassada. Assim, a Ciência Histórica, através de sua teoria, reflete-se sobre si e percebe que uma das condições mais importantes de sua produção é a aliança pela qual se propõe a fazer com as outras Ciências, de tal maneira, a assumir uma função de coordenação entre as mesmas, para que desta forma, seu trabalho possa chegar se não a, mas o mais próximo, da verdade.

Desta forma, a *História de longa duração*, *História dos Marginais*, *História das Mentalidades e Interdisciplinaridade*, dentre outras vertentes, ganham maior conotação na cena de tal Ciência, formando o seu eixo principal de pesquisa e transformando-se nas tônicas de suas produções.

Com esta "gama" de modificações, a História passa a ver o seu objeto do conhecimento, o passado, por um outro prisma, na qual novas fontes, não mais oficiais do governo e/ou militares, necessitavam ser vistas ou revistas a fim de uma melhor absorção de seu conteúdo. Com isto, a fonte terá uma relação com a História diferente de outrora, de forma a ser trabalhada de outros ângulos, onde os métodos aplicados variam devido à circunstância a qual esta mesma fonte e o sujeito do conhecimento (historiador) se apresentam.

O fato é que não se poderia mais negligenciar a presença da fonte, bem como a sua descoberta, pois essa, para o historiador, passa a ser condição *sine qua non* do conhecimento histórico.

Logo, a Arqueologia é requisitada pela História. É através de suas pesquisas que a História vai estabelecer o seu objeto de estudo, e a partir dele, torná-lo inteligível. Nesse aspecto a Ciência Arqueológica, que para o estudo da Pré-História se mostrava *fundamental*, agora passa a ser ciência *auxiliar* para o historiador.

Isto não quer dizer, necessariamente, que a Arqueologia só veio a contribuir para a História a partir do momento, em que esta passa a refletir e se situar no campo da pesquisa e das fontes pesquisadas. Mesmo em sua gênese, onde a Arqueologia se prestava unicamente, como forma de obtenção de peças por grandes colecionadores europeus, preocupados em achar tesouros da Era Clássica, tal ciência contribuiu para o aparecimento de fontes potenciais à História. Pelo próprio propósito que a define, a Arqueologia sempre foi tratada como ciência elucidativa de fatos passados, o que corrobora a pensar, que mesmo indiretamente esta cátedra alargava os conhecimentos, e reafirmava-os, dentro de uma concepção histórica.

A partir de reformulações gradativas advindas com o tempo, tal como à História, a Arqueologia passa a perceber a fundamental importância que tem para os diversos processos, localizados em diversas Ciências: Antropologia, Ciência Social, etc. Além disso a Arqueologia passa a ser um meio de comprovação de afirmações localizados em relatos, documentos, diários, da respectiva época estudada.

Assim, a preocupação com a preservação de uma "Memória Nacional" necessita de descobertas o que foge da jurisdição da História, mas logo que elucidadas, se encaixa no seu plano de estudo.

*"Com efeito, além das indicações aproveitáveis para o historiador da cultura material, a arqueologia permite proceder as restaurações e reconstituições fiéis dos monumentos Históricos, atualmente feitas freqüentemente a partir de documentos incompletos, de interpretação difícil, ou baseadas em idéias errôneas."*¹

Entendendo isso, pode-se afirmar que a interdisciplinaridade outrora proposta, faz com que aja uma confluência entre a Arqueologia e a História de modo que mesmo tendo proposições diferentes, o objeto de estudo é "partilhado" cada qual pela sua particularidade.

Determinar a Arqueologia como plano unicamente de estudo da Pré-História é, necessariamente, limitá-la e desconsiderar os seus resultados. Nesse sentido, a Arqueologia, vem complementar a História e é dela que parte o seu estudo, na qual, terá uma função essencialmente recíproca para com essa disciplina e as outras ciências. A sua própria natureza interdisciplinar reafirma as suas produções e lhe orienta para novas pesquisas.

"A Arqueologia, de qualquer forma, apresentou desde cedo uma vocação interdisciplinar, pois sua meta é a mesma das ciências humanas, ou seja, entender as adaptações, o desenvolvimento, o funcionamento e as representações simbólicas das sociedades. Precisa,

entretanto, para tentar alcançar estes objetivos, lançar mão dos recursos desenvolvidos por outras disciplinas..."²

O que se pretende é evidenciar a relação direta que a Arqueologia tem com a Ciência Histórica, e suas respectivas colaborações no plano científico.

Para tanto é necessário desmistificar ou demonstrar o plano de cada ciência, a fim de entendê-las em sua essência.

Tais proposições têm sido objeto de estudo da Metodologia da História, isto é, entender a base interdisciplinar a qual a História necessita para suas pesquisas. Os estudos do Período Colonial, as Ordens Religiosas, os Quilombos, as migrações indígenas, são em grande parte elucidadas pela pesquisa documental, mas reafirmadas ou transcendidas pelos achados vestigiais da Arqueologia.

Além das funções elucidativas e comprobatórias, a Arqueologia pode ter função propedêutica no estudo da História. Pode ter o caráter introdutório ao ser tratada como uma prova do trabalho a qual está sendo proposto, além de ser uma forma de identificação cultural, dos antepassados, de uma sociedade, a qual, indiretamente, contribui para sua respectiva valorização social. Segundo Margareth de Lourdes Sousa a Arqueologia Histórica é:

"A Arqueologia Histórica é de fundamental importância como fator contribuinte da memória cultural do país, pois, nesta busca de traços culturais, que há identificação e valorização da cultura de um povo, o fortalecimento da cidadania e respeito pela diversidade social"³

Assim, pois, tanto a Arqueologia como a História, necessitam ser entendidas numa relação inteligível, muito mais complexa do que sua aceitação ou sua refutação. Para tanto, entendê-las se não é necessário, é funcional para a pesquisa.

A preocupação do presente trabalho é evidenciar aos historiadores, pesquisadores, ou àqueles que pretendem estudar História, (prática freqüente em nosso país), que as relações existentes numa pesquisa precisam ser correlacionadas com outras áreas, haja vista que, muitas das pesquisas realizadas desconsideram os seus resultados.

Estas relações concernentes à pesquisa, fazem, através do seu desenrolar metodológico, com que estas duas ciências abordadas – História e Arqueologia – convertam-se num mesmo ponto. Assim proposto, as duas ciências “invadem” simultaneamente e sem limites, o espaço uma da outra, de tal forma que, a primeira “apela” à segunda, respectivamente, no desenvolvimento de sua pesquisa. No estudo das civilizações “letradas”, a Arqueologia, num primeiro momento, necessariamente, recorre aos relatos históricos, ou a pesquisa primária feita por um agente histórico

do passado - relatos de viajantes, cronistas - para lhe guiar no seu campo de estudo. Essa condição facilitará na sua pesquisa de campo, já que, em sua prospecção documental, a “Ciência dos vestígios”, baseia-se, orienta-se, e localiza-se, enquanto desconhece o seu objeto de estudo. Já a História, ao receber documentos recuperados de pesquisas – realizadas pela Arqueologia - as quais, fora do seu âmbito científico, os toma, analisa-os, questiona-os e tornam-nos inteligíveis no sentido de correlacioná-los a um contexto e/ou fato histórico.

Desta forma, dependendo do tipo de pesquisa, e de sua finalidade – que creio, seja a elucidação dos fatos passados, já que tal proposta é o objetivo da História e também da Arqueologia – os respectivos métodos se auxiliam no processo que, efetivamente, tanto de um para o outro possuem significados práticos e coerentes.

A partir desta análise teórica, pode-se indagar de sua funcionalidade prática, isto é, sua aplicabilidade, em um processo de pesquisa sistematizada e organizada segundo os critérios aqui apresentados.

Na disciplina de Arqueologia, do Departamento de História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ministrada pelo professor Roberto Airon Silva, tal proposta foi aplicada, visando a concretude por parte do corpo discente dos conceitos tanto da Arqueologia como da História. Seguindo um projeto no qual sou monitor e é denominado “*Métodos e Técnicas da Pesquisa Arqueológica*”, os alunos conheceram, dentre outros, o Sítio Histórico - Engenho de Ferreiro Torto, localizado no município de Macaíba/RN – e tiveram a oportunidade de perceber sua complexibilidade, bem como, os vários processos que um sítio arqueológico passa, como a sua degradação, por exemplo. Nesta aula de campo, tiveram a oportunidade, de conhecer os *Vestígios* – como Faianças (louças) –, as *Estruturas* – estrutura portuária, restos de um antigo engenho – e entenderam a relação inteligível dos objetos e do contexto para a Arqueologia. Nesta mesma ocasião, tiveram contato com os diversos métodos arqueológicos para os sítios históricos, ministrados durante a unidade sendo estes explicados “in situ”.

Pela proximidade e aplicabilidade do objeto de estudo, percebeu-se uma maior absorção de conceitos com conseqüente aprimoramento dos conteúdos vistos. Os alunos tiveram outras proposições, tendo em alguns casos, aumentado o interesse pela disciplina.

Puderam correlacionar, através de um estudo histórico prévio, o sítio em questão, com a disposição dos vestígios e sua ligação direta com documentos da época. Assim, puderam perceber que a estrutura portuária se tratava de um canal de escoamento de produtos advindo do porto de Natal, isto é, inconscientemente, estabeleceram um elo de ligação entre a História, vista nos documentos e os objetos (vestígios) que ali se apresentavam.

Logo, pôde-se comprovar, que a proximidade com o objeto, fez com que as teorias dadas em salas tivessem uma funcionalidade prática no processo de conhecimento subjetivo de cada aluno.

Evidencia-se aqui que o caráter interdisciplinar que a História e a Arqueologia apresentam, pela proximidade das pesquisas e por ter, tais disciplinas, o mesmo objeto de estudo, auxiliam-se mutuamente, informando uma a outra de seu conhecimento, a fim de que possam se servir reciprocamente, de forma a aumentar as dimensões de suas análises.

Devido ao caráter prematuro desta experiência, muito ainda se tem a descobrir e a propor sobre tal metodologia. No entanto, desde já, reafirmadas por autores como March Bloch, Fernand Braudel, André Prous, dentre outros, a História possui uma relação direta com o estudo arqueológico e vice-versa. Em seu campo de estudo a História tem aumentado seus horizontes e percebido, através de uma auto-reflexão, os caminhos que deve traçar, neste sentido de aperfeiçoamento de suas técnicas, a fim de retirar ao máximo, informações de suas fontes históricas.

Portanto, “*Teorias e Métodos Arqueológicos em Sítios Históricos*”, enseja evidenciar a relação única existente entre duas disciplinas que possuem métodos diversos, teorias particulares, mas que, por possuírem um objeto de estudo comum, podem e devem se articular, para captar melhores informações e esclarecer fatos, mesmo que estes sejam apresentados como tradicionais e verdadeiros. Não se deve correr o mesmo risco que outrora os positivistas correram, ao afirmar o caráter universal da História e seus resultados únicos e verdadeiros. Sabe-se hoje que a História é composta de fragmentos de verdade que se unem para dar significado ao passado, mas que deixam um campo demasiadamente aberto para que a História seja reescrita.

Assim, pois, por seus conceitos e por sua aplicabilidade, a introdução de Métodos Arqueológicos em Sítios Históricos como forma de AUXILIAR, os questionamentos partidos da História é viável e muitas vezes essencial para o desenvolvimento do conhecimento acerca do passado.

¹ PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UNB. 1992. p.544.

² TENÓRIO, Maria Cristina (org.). *Pré-História da Terra Brasilis*. In: PROUS, André. *Arqueologia, Pré-História e História*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. p.19

³ FERRAZ, Maria do Socorro. *Missões religiosas no médio São Francisco*. Uma abordagem Histórica.

REVISTA DE ARQUEOLOGIA. São Paulo:SAB. V.8, n.2, 1994/1995. p.335.

BIBLIOGRAFIA

BAHN, Paul; RENFREW, Colin. **Arqueología**. Teoria, Métodos Y Práctica. Madrid: Tres Cantos. 1998. p.66-242.

FERRAZ, Maria do Socorro. **Missões religiosas no médio São Francisco**. Uma abordagem Histórica. REVISTA DE ARQUEOLOGIA. São Paulo:SAB. V.8, n.2, 1994/1995. p.335.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UNB. 1992. p.544.

TENÓRIO, Maria Cristina (org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. In: PROUS, André. *Arqueologia, Pré-História e História*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. p.19.

MARTIN, Grabiela. **Pré-História do Nordeste Brasileiro**. Recife:UFPE, 1999.

SILVA, Roberto Airon. **Os registros Rupestres do Ceará**: contribuições de Viajantes, Eruditos, Historiadores e Etnólogos. Recife: UFPE, 1999.